

REVISTA HISTORAR

Lailson Ferreira da Silva

Doutorando em Ciências Sociais pela UFRN.

Professor das Faculdades - INTA – Departamento de Serviço Social.

PRÁTICAS DE TRABALHO EM UMA FAMÍLIA DE CALONS EM SOBRAL – CE

Resumo

Entre os calons em Sobral, CE, há três meios de conseguir dinheiro para "manter a sobrevivência" cotidiana; empréstimo de dinheiro a juros a não ciganos; negociações envolvendo compra, troca e venda de bens variados a ciganos e não ciganos; e trabalho de atendimento em cidades da região para não ciganos. Os dois primeiros podem ser exercidos por qualquer um dos homens ciganos independente da idade, dia e horário. O último é exercido tanto por homens quanto por mulheres ao longo da semana em diferentes cidades localizadas próximas a cidade de Sobral. Pretendo, aqui, analisar este último levando em consideração que diante das limitações impostas na realização do trabalho de campo me aproximei de forma mais detida das práticas de atendimentos a partir de conversas tanto pontuais sobre a pesquisa como de maneira indireta nas quais eu era apenas um ouvinte. O meu objetivo é descrever esta prática e analisar as representações construídas pelos calons ao denominá-la de trabalho, bem como perceber a sua relação com o ideal de vida em família. O meu argumento será que apesar dos calons identificarem neste trabalho uma dimensão de incerteza, o preferem em detrimento de modos de trabalho convencionais presentes entre a população da sociedade local caracterizados pelo cumprimento de funções regulares, jornada de trabalho pré-determinada, estando, subordinados a um juron. Gerando, ainda, um distanciamento da família.

Palavras-Chave: Ciganos Calons – família - práticas de trabalho.

Entre os calons¹ em Sobral² pertencentes à família Cavalcante³, há três meios de conseguir dinheiro para garantir a “sobrevivência cotidiana”: empréstimo de dinheiro a juros a não ciganos; negociações envolvendo compra, troca e venda de bens variados a ciganos e não ciganos; e trabalho de atendimento em cidades da região. Neste artigo me deterei a discutir a prática dos atendimentos realizados pelos calons (a), tendo em vista o fato de ter me aproximado desta ao longo do trabalho de campo realizado no período de janeiro a junho de 2013.

Os dois primeiros podem ser exercidos por qualquer um dos homens ciganos independentemente da idade, dia e horário. O empréstimo de dinheiro a juros gera uma renda mensal fixa. As negociações não, pois dependem da disposição de outra parte interessada em negociar.

Os negócios são feitos com bens variados: celulares, televisores, freezer, moto, carro, entre outros; dependendo do interesse em ter dinheiro em mãos para poder movimentá-lo, torando-o mais rentável. O que não ocorre com frequência.

Há situações em que os negócios são motivados pela necessidade de obter dinheiro para resolver situações cotidianas como pagamentos de cheques, realizar uma viagem, comprar gêneros alimentícios. Algumas das negociações acontecem no espaço da Feira Livre de Sobral, conhecida popularmente como Feira dos Malandros. Para lá, se deslocam diariamente pessoas de diversas classes sociais interessadas em fazer algum tipo de negócio ou apenas adquirir um bem.

Também pode acontecer dos ciganos oferecerem os bens a não ciganos com quem têm contatos na cidade de Sobral. Ou então, pedirem as pessoas conhecidas para lhes indiquem alguém interessado em adquirir o bem que pretendem negociar.

Os atendimentos em cidades próximas ao município de Sobral são realizados por Seu Ramim e D. Nazaré, Seu Paulo, Seu Itamar⁴, Biamara e Márcio – não cigano, para não ciganos.

Biamara e Márcio começaram a realizá-los no ano de 2009. Os demais não sabem precisar quando iniciaram. A estimativa é que foi alguns anos após o “estabelecimento definitivo” na cidade

¹ Os Calons são grupos ciganos oriundos da Península Ibérica que vieram para o Brasil no período colonial, século XVI (Borges, 2007; Teixeira, 1998). Tal esclarecimento é necessário, pois “a nomenclatura cigana não faz parte ainda do senso comum da disciplina antropológica [...] Os estudos ciganos no Brasil costumam distinguir os Calon – cuja aparição no Brasil Colônia data do século XVI e está ligada a constantes ondas migratória vindas da Península Ibérica – dos Rom, provenientes do Leste Europeu, que teriam chegado ao país no século XIX. [...] De modo geral, podemos diferenciar os Calon dos Rom em termos de língua, organização social e atividades econômicas, embora as conexões concretas entre eles possam ser mais estreitas do que se suspeite. [...] De todo o modo, os Rom no Brasil se concebem como famílias – Kalderash (caldeireiros), Matchuaia, Horarranê, Boiash” [...] (Ferrari, 2010, p. 14). Contudo, Stewart (1999) alerta não haver uma conformidade geral para classificar os grupos ciganos por meio de um conjunto de categorias observáveis em diferentes contextos.

² Sobral é um município do interior do estado do Ceará, localizado a aproximadamente 238 km de Fortaleza, capital. (Fonte: <http://www1.dnit.gov.br/rodovias/distancias/distancias.asp>)

³ Família Cavalcante é uma atribuição generalizante utilizada pelos calons para fazer alusão a todos os parentes, seja por laços sanguíneos ou por afinidade. Contudo, toda vez que uso a palavra família neste paper é para me referir as sociabilidades tecidas entre os calons em torno dos irmãos Paulo, Ramim e Itamar.

⁴ Apenas Seu Itamar realiza atendimentos na cidade de Sobral.

de Sobral em 1974. Os calons também mencionam o fato deste trabalho de atendimento também ser exercido por não ciganos.

Tomando como exemplo a cidade de Sobral, pode-se encontrar outras pessoas oferecendo atendimentos semelhantes aos realizados pelos ciganos; para população na cidade de Sobral. A divulgação se dá pela afixação de panfletos em postes de iluminação pública em várias ruas do centro da cidade.



Foto 1. Panfleto afixado em poste de iluminação pública

Ou ainda, distribuídos de forma manual.



Foto 2. Panfleto distribuído no Beco do Cotovelo

Este panfleto começou a circular na cidade de Sobral no início do mês de maio do ano de 2013. Aos sábados, uma mulher de aparência jovial fazia a distribuição em um dos locais da cidade de grande movimentação durante os dias da semana no centro da cidade, Beco do Cotovelo. A distribuição ocorria até por volta do meio dia. Depois desse horário, pode-se encontrar panfletos jogados no chão. Contudo, se os próprios calons atestam o fato de não ciganos realizarem o mesmo

tipo de trabalho, qual a especificidade do trabalho de atendimento realizado pelos calons?

1. O “trabalho” calon: viagens e atendimento

O trabalho de atendimento como forma de obtenção de dinheiro é denominada por Seu Ramim, Seu Paulo e Seu Itamar de “trabalho com práticas espirituais”, principalmente quando estão na presença dos de fora, ou seja, alguém que não pertence à família. Chegando a ser definida com um dom. Já para os de dentro, família, essa prática é percebida como mais um “meio de viver”.

Não se faz alusão a palavra trabalho quando um calon (a) pergunta se outro está em casa. O uso comum é responder que “viajou para atender”. Mesmo sendo uma criança que faça a pergunta: “Criança: Mãe. Cadê o pai?”. A resposta será bem curta e objetiva: “Viajou”.

Da mesma forma, os próprios ciganos usam esse código social entre si: - “Professor, diga a Biamara que traga os meninos, pois eu tenho que ir mais cedo para atender uma mulher na rua”; - “Pode ser no sábado depois do meio dia, porque eu vou atender em Cariré”.

Isso implica em dizer que só se faz sentido para um cigano designar essa prática de trabalho quando o outro é um de fora das relações familiares. Estando entre si, família, são usadas expressões do tipo: “viajou para atender”, “cheguei de viagem”, “amanhã irei atender pela manhã”.

Durante dias da semana, os calons (a) mencionados anteriormente viajam em carros para atender não ciganos em cidades vizinhas. As cidades são sempre as mesmas. Atendem um dia por semana em cada cidade. Pode acontecer de retornarem a mesma cidade, caso alguém entre em contato por meio de telefone celular. Quando uma cidade deixa de gerar renda para os ciganos, procuram-se outras, segundo os relatos ouvidos em duas entrevistas gravadas e diversas conversas.

Utilizando codinomes associados à palavra professor, mestre ou madame, os calons divulgam nas emissoras de rádios onde têm programas mensais que giram em torno de meia hora e vão ao ar de segunda a sextas-feiras, os dias, horários e locais de atendimento, bem como repassam número de celulares para que os interessados em serem consultados entrem em contato.

Vejamos a seguir a programação da Rádio Pioneira que conta com dois estúdios, uma na cidade de Sobral e outra em Forquilha, município distante cerca de 16,8 km do município de Sobral; na qual o Prof. Gabriel tem um programa que vai ao ar de segunda a sexta.

TABELA DA NOVA PROGRAMAÇÃO⁵

Uma Programação diversificada, informativa, com muita música e participação popular. A Rádio

⁵ Disponível em:

<[*Revista Historiar*, Vol. 06, N. 10, Ano 2014.1. p. 98-114.](http://www.pioneiraam830.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=46&Itemid=28.>
Acesso em: 14 de maio de 2013 às 13:32.</p></div><div data-bbox=)

Pioneira AM830 oferece a melhor programação da Rádio AM para os nossos ouvintes.

SEGUNDA A SEXTA

HORÁRIO	RESPONSÁVEL	PROGRAMA	STUDIO	OBS
05:00 as 06:00				
06:00 as 06:30	Prof. Gabriel	Sua vida seu destino	Sobral	Seg/sexta
06:30 as 07:00	Verdes Mares	Rádio Notícia Verdes Mares	Forquilha	Seg/sexta
07:05 as 08:00	Cristiano Madeira	Espaço Livre	Forquilha	Seg/sexta
08:05 as 09:00	Jacinto Pereira	Rádio Debate	Sobral	Seg/sexta
09:05 as 10:00	Cleide Cavalcante	Revista Semanal	Forquilha	Seg/sexta
10:05 as 11:00	Tony Prado		Forquilha	Seg/sexta
11:05 as 12:00	Junior Costa	Bate papo com Junior Costa	Forquilha	Seg/sábado
12:05 as 13:30	João Luiz	Diário da Zona Norte	Sta. Quitéria	Seg/sexta
13:35 as 15:00	Jair Kovalick	Rasga Kovalick	Forquilha	Seg/Sexta
15:00 as 16:00			Forquilha	Seg/sexta
16:05 as 17:00	Esquerdinha	Estação Catedral	Forquilha	Seg/sexta
17:05 as 18:00				Seg/sexta
18:05 as 19:00	J. Carlos	Bola Rolando	Forquilha	Seg/sexta
19:00 as 20:00	Hora do Brasil			
20:05 as 21:00	Wellington Soares	Desabafo do Povo	Sobral	Seg/sexta
21:05 as 22:00				
22:05 as 23:30	Pst. Clerton	Deus é Amor	Sobral	Seg/sexta

Há preferência pelos primeiros horários de programas nas emissoras de rádio, principalmente entre 6h e 6h30min. O que pode está relacionado com a perspectiva de atingir um público específico. Como não pude acompanhar os calons em nenhuma das viagens para realização de atendimentos, não disponho de dados que me possibilitem ir além desta suposição.

Nos dias em que estão nas cidades onde realizarão os atendimentos, os ciganos fazem o programa ao vivo. Durante o programa, recebem ligações de ouvintes, respondem cartas, leem o horóscopo do dia. Nos outros dias, um programa gravado vai ao ar.

Os calons falam que há custo muito alto para colocar um programa em uma rádio. A potência de alcance da rádio é o parâmetro utilizado para o estabelecimento do preço. Podendo variar entre cem e três mil reais. Sendo que os pagamentos são realizados mensalmente.

Nós paga mensal. Nós paga mensal. Vamos supor aí mil reais. Paga duzentos, duzentos... Mas tem rádio até de cem reais. Cinquenta reais. Mas tem rádio até de três mil reais. Aquele rádio de longo alcance que vai lá, pega muita cidade (Seu Ramim, 18/03/2013).

Se por um lado, manter um programa diário em uma emissora de rádio envolve um custo financeiro. Por outro, permite chegar a um número maior de pessoas em outras cidades que podem vir a se interessar em ser atendidos.

Durante os programas transmitidos ao vivo ou nas vinhetas que ficam sendo rodadas nas rádios quando não se está na cidade; os calons se colocam como aqueles que podem funcionar como mediador na resolução de problemas amorosos, financeiros, inveja entre outros.

Rapaz quando a gente chega nas rádios a gente tem a abertura. Bota a abertura. Aí a gente vai passar. Dá o bom dia pra todo mundo. Aí dá o bom dia todo mundo. Bom dia amigo. Bom dia amiga. A partir deste horário nós passamos a apresentar.

Se for a primeira vez, nós diz a primeira edição o programa dos astros tal e vira, tal e vira, na palavra do médium, espírita e naturalista Professor fulano de tal e tal.

Começa a falar e diz aí, aqui leva aquele que tem um problema na sua vida. Que vem sofrendo. E ele vai explicando a pessoa que vem sentindo aquilo, toca nele. Ele diz vou procurar pra saber o quê que ele diz.

(Fala de D. Nazaré: No amor não é correspondido)

Aí a gente, algo que te toque. Um, vamos supor, tem algo que eu falo aqui e toca em você. Rapaz eu vou falar com ele pra saber o...

(Fala de D. Nazaré: Você namora uma pessoa. A pessoa não te corresponde. Tu ver uma pessoa que acha) que pode resolver. Vou falar com ele...

(Fala de D. Nazaré: Vou falar com ele pra ver se dá certo)

... pra vê se dá certo (Seu Ramim, 24/03/2013)

No caso dos ciganos, é preciso fazer esclarecimentos em relação à prática de atendimentos. Ao saírem de casa fala-se que viajaram para atender. Os atendimentos podem acontecer ou não dependendo da procura de pessoas. Quando alguém os procura nos locais de atendimento diz-se que realizam a consulta. Cada consulta custa 50 reais.

- “É a mulher do mestre Gabriel”.

(Pausa)

- “Ele viajou para atender em Santa Quitéria”.

(Pausa)

- A consulta custa 50 reais. Ele atende o mês todinho.

(Pausa)

- “Ela chega uma hora”.

O telefone celular funciona como meio de estabelecer contato mesmo não estando no local de atendimento. Este possibilita que um cigano possa está em casa com a família, conversando entre familiares, resolvendo assuntos cotidianos no centro da cidade de Sobral, sem necessitar cumprir um horário fixo. Ou então, se deslocar com horário marcado quando a cidade não fica distante da Fazenda.

O atendimento é realizado de forma individual para se evitar conflitos. - “Você já viu dois delegados em uma delegacia”. Ou por casais compostos de marido e mulher como no caso de Seu Ramim e D. Nazaré, Márcio e Biamara. Pode acontecer de viajarem na companhia de outro calon.

Vale ressaltar que este último não viaja com a finalidade de fazer nenhum atendimento, apenas dar um suporte caso necessitem.

Por volta das 5h30min saem de casa. O horário de saída é determinado pela distância que terá de ser percorrida até chegar à cidade onde realizarão o atendimento. Na maioria das vezes, retornam para casa antes do meio. Quando as cidades estão localizadas mais distantes ou há uma demanda significativa de pessoa querendo ser consultadas, pode acontecer de chegarem ao período da tarde.

O atendimento/consulta consiste na realização de uma conversa com não ciganos⁶ que apresentam dificuldades financeiras, amorosas, de trabalho, inveja. Em geral, colocam-se cartas de baralho e/ou búzios com a finalidade de identificar a causa do problema retratado e, por conseguinte oferecer orientações.

Diante do problema e das causas que o motivaram, os ciganos indicam para os atendidos que podem solucioná-lo por meio de um trabalho⁷. Caso a pessoa concorde, lhe repassam uma lista de produtos como; velas, essências, que devem ser comprados e entregues aos ciganos para a realização do trabalho.

O preço do trabalho varia de acordo com o tipo e a gravidade da situação identificada. Há a preferência para que o pagamento seja feito em espécie. No entanto, há casos em que este é realizado com produtos alimentícios, animais de pequeno porte – galinhas, móveis, material de construção.

Seu Ramim, cada tipo de atendimento/trabalho tem um preço variado?

Olha é cinquenta reais a consulta. Agora a gente vai falar. Vamos supor assim, a gente vai contar os seu problema. E nós vai dizer. Vai dizer como pode resolver. Aí se a pessoa acha que aquilo que nós tá dizendo tem fundamento. Tamo contando a verdade pra ele. A coisa tá tocando em você mesmo. Tá acontecendo aquilo mesmo. Pois aí diz: pois eu quero desmanchar. Aí com que é que desmancha.

Os cinquenta reais que ele pagou; vamos supor que é da consulta do médico. Agora se for preciso fazer o trabalho, nós vamos cobrar os materiais.

Aí, nós diz: pra resolver seu problema no amor. Problema no amor. Você diz: eu preciso de velas de vinte e um dias. De zambé de angola. De pendas. De mira. Flores. Banho de descarrego. Banho pra desmanchar que é sobre o amor. E isso, isso e isso. Você vai comprar. Traz. Me entrega. Eu vou fazer o seu trabalho (Seu Ramim, 24/03/2013).

Depois de consolidado o pagamento do trabalho, os ciganos se comprometem a resolver o problema que lhes foi apresentando no momento da consulta. Mais uma vez, o celular entra em

⁶ Um dia ao conversar com D. Nazaré perguntei se eles realizam atendimento para ciganos. Sem delongas ela respondeu: “Não (ênfase) porque eles fazem o mesmo trabalho que a gente”.

⁷ Essa noção de trabalho se assemelha a utilizada na umbanda, religião resultante de um sincretismo religioso na sociedade brasileira, como meio de solucionar questões que afligem os indivíduos.

cena como um instrumento utilizado pelas pessoas consultadas para entrarem em contato com os ciganos e questionarem sobre o fato do problema não ter sido solucionado. Nessas situações, os ciganos sempre pedem para as pessoas terem paciência, pois estão fazendo o possível para que o trabalho se concretize de maneira satisfatória.

É válido mencionar que toda vez que os calons ao falarem diretamente para mim sobre esse trabalho, havia a preocupação de esclarecer que não enganam as outras pessoas, como também não tem o dom de prever o futuro. Uns se dizem orientadores espirituais. Outros que essa conversa de orientador espiritual não passa de uma “lábria”, ou seja, a capacidade e envolver as pessoas que os procuram em um diálogo. E ainda, há quem diga que tem a capacidade de “ver o passado, falar sobre o presente e prever o futuro”. Mas se estas pessoas lhe pagam pelo trabalho feito, é por vontade própria.

As designações dadas pelos ciganos, mesmo sendo contraditórias giram em torno de afastar a associação dessa prática ao ato de enganar. Se os ciganos enganam ou não os outros, essa é uma questão que só poderia ser conceitualizada a partir de uma observação seguida de descrição situacionais densas envolvendo ciganos e não ciganos no momento de realização de uma atendimento/consulta seguido do trabalho, bem como se os ciganos lhe atribuíssem esse sentido. Qualquer conceituação a partir do outro, isto é, não ciganos, pode nos levar a ver os ciganos a partir de conceitos ausentes em seu contexto sociocultural.

Ferrari (2010) ao vivenciar “um dia de cigana”, circunstância na qual saiu para rua com as ciganas com a finalidade de obter dinheiro dos não ciganos através da leitura da sorte, nos oferece outros elementos para pensar a noção de engano como uma forma diferenciação que produz um jeito cigano, isto é, calonidade.

Esses exemplos mostram que, se a leitura da palma da mão não é ela própria entendida como dotada de um poder sobrenatural, este certamente está presente na socialidade calon e na relação entre calons e *gadjes*. Essa percepção obriga a reconceitualizar o *engano* para os Calon. Se de fato as calins podem “fazer feitiço” ou fazer um “pedido” ao pai-de-santo, isto é, se de fato elas encontram meios de manipular forças sobrenaturais para alterar o destino das pessoas, porque deliberadamente falam da leitura da sorte como *engano*? Minha sugestão é que o engano é antes entendido como um mecanismo de *diferenciação*. [...] O engano seria, nesse sentido, uma faceta do processo de diferenciação que produz calonidade (FERRARI, 2010, p. 196).

Como um mecanismo de diferenciação entre ciganos e *gadjes*, o engano é visto pelos ciganos de forma positiva (FERRARI, 2010). Já entre os calons em Sobral pelo menos do ponto de vista ideal a associação desse “trabalho” a enganação assume um caráter pejorativo que lhes desqualificam diante dos outros.

Essa cautela é motivada porque os ciganos têm conhecimento de que a sociedade de forma ampla, eu diria a nível local, regional e nacional, os define a partir de atributos de cunho

negativo, estereótipos; e de forma homogeneizante.

Havendo, também cuidados com qualquer forma de exposição seja por meio de gravação, fotografia, filmagem, principalmente se forem associados ao “trabalho nas rádios”. A justificativa, segundo Biamara, está relacionada ao fato de que poderão ficar expostos se forem identificados como ciganos nos locais onde *atendem* e isso os trará problemas. Provalvemente, à recusa das pessoas em procurá-los. Acarretando a diminuição na renda familiar.

Em uma das conversas com Bia⁸ em sua casa na cidade de Fortaleza, esta narrou que quando sua filha, Biamara, casou de acordo com “as tradições ciganas”; seu casamento foi gravado na íntegra por uma equipe da Tv Jangadeiro do estado do Ceará. Dias após a gravação foi editada e a reportagem foi exibida em um dos telejornais da respectiva emissora com o seguinte tema: “A tradição nos casamentos ciganos na cidade de Sobral”. Nessa exibição, Seu Itamar apareceu em alguns momentos.

Segundo Bia, nesse tempo Seu Itamar trabalhava em uma rádio na cidade de Coreaú, interior do estado do Ceará. Pessoas “atendidas” por ele; ao verem sua imagem na Tv associada à identificação como cigano reagiram de formas diferentes. Uns deixaram de procurá-lo. Outros queriam que ele devolvesse o dinheiro referente aos trabalhos realizados. E para finalizar Bia disse que a rádio chegou a fechar motivada por essa situação. - “Era a mesma pessoa. A única diferença era porque ele era cigano”.

Borges (2007) argumenta em seu estudo sobre ciganos na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, que entre as últimas décadas do século XIX e início do século XX, os ciganos encontrados nos espaços urbanos passaram a ser vistos como um obstáculo ao projeto modernizante idealizado pela cidade frente à transição do capitalismo no país. Passando a ocupar a ocupar páginas literárias de jornais da cidade, eram retratados como indivíduos indesejados que deveriam ser controlados.

Fazia-se referência aos ciganos como sendo mendigos, enganadores, vadios. As ações ligadas ao comércio e a “previsão do futuro” eram destacadas como destoantes do modelo de sociedade que se desejava implantar. Aqui, me interessa a reflexão feita pela historiadora em torno da “previsão do futuro”.

Por meio de matérias jornalísticas impressas, Borges (2007) identificou que havia na cidade de Juiz de Fora mulheres a quem se atribuía o dom de prever o futuro. Estas eram valorizadas pela presença marcante do sotaque francês, de terem viajado para os Estados Unidos e, sobretudo, uma aparência condizente com o projeto modernizador.

Quando as ciganas eram quem se intitulavam ter essa capacidade, a situação se invertia. “Todo o *glamour* em torno da previsão do futuro, porém, desaparecia completamente, indiferente

⁸ Bia é uma não cigana de 51 anos que viveu durante 15 anos de sua vida casada com o cigano Itamar. Teve com ele dois filhos, Biamara e Bruno. Nos períodos de férias de seu trabalho na cidade de Fortaleza em feriados vai a Sobral para rever seus filhos e netos (as).

o jornal quando a frente do (a) consulente estava uma cigana”. Essa inversão se dava tanto pela associação das ciganas a imagens pejorativas como por sua aparência. O que justificava as constantes repreensões e/ou apreensões feitas pela polícia e noticiadas nas páginas dos jornais.

Nesse sentido, mesmo havendo um abismo temporal e espacial entre os contextos retratados por Bia e Borges (2007), o que está em jogo não é a prática em si, mas um conjunto de representações sociais que giram em torno dos sujeitos que as exercem. Considerando a aparência, os calons ao “viajarem para atender” não podem ser distinguidos por esse critério, pois não apresentam diferenças significativas diante dos não ciganos.

Contudo, o que garante que esses ciganos realizem atendimentos em uma cidade por cinco, dez, quinze anos?

Mudou porque quando a gente tá numa rádio a gente se responsabiliza. E quando a gente estava viajando não precisava. Que ali a gente tá estabilizado ali. Né. A pessoa sempre fica cobrando se não fizer. Tem que fazer. [...] Antigamente a gente lia sorte, lia mão, botava baralho. Recebia o dinheiro e pronto. Hoje não (D. Nazaré, 18/03/2013).

A noção de responsabilidade é acionada para justificar a permanência durante um período de tempo em uma mesma cidade. Noção que não havia entre os ciganos quando viviam andando de um lugar para outro. Mesmo que não se identifiquem como cigano quando vão as cidades realizar os atendimentos, é preciso construir elos de confiança que motivem as pessoas a procurá-los novamente.

Ao contrário das ciganas da rede Calon em São Paulo (Ferrari, 2010) que correspondem a uma representação presente no imaginário coletivo presente na sociedade mais ampla do “o que é ser cigana” reforçada pelo outro em um contexto interacional no qual intersubjetividades direcionam o diálogo entre cigana e não ciganos na rua.

À primeira vista, a “aparência *cigana*” pode ser tomada como pura “representação”. A *cigana* se arroga o papel de quem lê a sorte futura, mas ao mesmo tempo o *gadje* o legitima; nenhum deles é anterior ao outro, é a relação intersubjetiva que produz essas posições. A fala da “*cigana*” e a do interlocutor estão em continuidade. Uma se constroi com a outra. A dependência do interlocutor (e dos elementos que ele oferece) para a “leitura” de seu próprio destino é tal que no final já não se sabe o que foi “adivinhado” pela “*cigana*” e o que foi dito pelo *gadje*. A *cigana* manipula aquilo que acredita ter valor para o outro. Ela aciona, por exemplo, a imagem de que a mesquinhez e o destino da pessoa estão conectados (“quando você precisa, não dá, nada vai dar certo pra você”). O cliente será, assim, responsável por seu destino, e este depende de ser generoso, dando dinheiro para a reza da “*cigana*”. A ideia de “praga de cigana” aproveita-se desse vazio de significado: cada um vai preencher a imprecação com seus fantasmas, o que torna a fala da “*cigana*” poderosa (FERRARI, 2010, p. 194).

Entre os calons em Sobral, a não auto atribuição como cigano não pode ser pensada como

um mecanismo de manipulação da identidade diante de interesses e necessidades. O que está em questão no momento do atendimento/consulta é uma relação na qual um cigano oferece um serviço e um não cigano que o procura.

É a pessoa vai falar comigo. Sempre pra falar comigo. Pra saber, pra jogar carta e os búzios. Aí paga cinquenta reais. Pra, pra como se diz, pra distinguir a sua vida toda (Seu Ramim, 24/02/2013).

É preciso ir além das aparências na busca de compreender os significados implícitos nessas ações. O que nos levará a perceber como os ciganos conceituam “o seu mundo” (STEWART, 1989; FERRARI, 2010, FOTTA, 2012). Afinal, até aqui esses “meios de viver” presentes entre os ciganos se assemelham a práticas sociais de não ciganos, bem como foram apresentadas por um viés funcionalista, ou seja, meios de obtenção de dinheiro.

Para realizar esse exercício e delinear os sentidos que guardam essas práticas faz-se necessário esclarecer que quando um cigano diz para um “desconhecido” que trabalha é preciso levar em consideração dois aspectos. O primeiro refere-se ao momento posterior à consulta, isto é, a realização de um “trabalho espiritual” passível de solucionar/amenizar em longo prazo o problema apresentado pela pessoa atendida. Percebido dessa forma, os ciganos dizem ter um dom, isto é, uma habilidade para lidar com práticas espirituais.

O segundo diz respeito ao fato de terem uma ocupação diária que lhes possibilita garantir os meios de sobrevivência de forma semelhante aos não ciganos que tem emprego fixo. Afastando os olhares desconfiados dos não ciganos que os consideram ricos por morarem em casas confortáveis e possuírem carros. Ao mesmo tempo em que não são vistos trabalhando da forma convencional adotada por não ciganos na sociedade local.

Já os empréstimos de dinheiro a juros e os negócios não recebem essa denominação. Sendo que o último é tido como sendo “coisa de cigano”, ou seja, uma das práticas presentes na trajetória de vidas desses ciganos desde o período em andavam de um lugar para o outro sem ter um lugar fixo. Recebendo a denominação de tradição.

Todavia, mesmo que essas práticas sejam descritas os estudos sobre ciganos no Brasil, Ciganologia Brasileira, de cunho acadêmico – (Sant’ana,1983); (Goldfarb, 2004), (Silva, 2010), (Ferrari, 2010); (Souza, 2012); (Fotta, 2012); – não se pode falar em um modelo clássico de vida cigana. O próprio caráter nômade atribuído aos ciganos pode ser condicionado por diversas variantes, como necessidade de fazer negociações, resistência da população local em aceitá-los por períodos longos de tempo nos limites territoriais.

Dito de outro modo, as relações de similaridades devem ser pensadas a partir do contexto que estou descrevendo e utilizadas para estabelecer comparações com outras etnografias. Caso contrário, estaremos construindo imagens a respeito dos ciganos como o fizera cronistas, viajantes,

a literatura ocidental (FERRARI, 2002); dotando-lhes de uma “aparência exterior”.

Se para os ciganos a tradição se relaciona com a permanência de práticas desde tempos de outrora, que valores estas guardam? Como se associam com o não está preso? Com as relações familiares? Com o está amparado? Com o viver bem?

Como já foi mencionado, a realização de “trabalhos com as práticas espirituais” é tido pelos ciganos como um dom dado por Deus. Arelada a essa acepção, os ciganos estruturam ideologicamente uma “cosmologia de vida” na qual o destino de suas vidas é condicionado por forças as quais não tem domínio.

Olhe o cigano é assim; quando surgiu essa palavra não se chama cigano. É sigam. A palavra sigam. Porque Jesus. Isso é lenda passada. Milhares de anos atrás. Que vocês como nós chamamos morador e nós cigano, disse:
 Jesus perguntou: - Vocês quer a salvação de vocês?
 Morador que é vocês.
 - Na sua mão ou na minha mão?
 Aí vocês disseram na minha. É nas mãos.
 (Fala de D. Nazaré: Nas nossa mão.)
 E vocês ciganos que anda pelo mundo, vocês quer a salvação nas minhas mão ou na mão de vocês?
 Aí, não senhor fica nas tuas mão. Aí...
 (Fala de D. Nazaré: A salvação e o poder de viver.)
 Aí o Jesus. A lenda conta assim, Jesus disse: pois sigam. Aí ficou a palavra cigano.
 (Fala de D. Nazaré: A nossa fé.)
 Aí cigano ficou trabalhar. Aí foi sobreviver de comprar e vender. De, de, de chegar até pedir. Cigano chegou até a pedir. Viu? Chegou até a pedir, viu? No meio do mundo. E foi vendendo. Trocando. É lendo mão. Viu? Foi. Acho que foi dado por Deus. (Seu Ramim, 24/03/2013)

Em decorrência disso, justificam a não subordinação a um juron por meio de relações empregatícias, pois esta significa cumprir ordens, horários, atividades pré-determinadas pelo outro no decorrer do dia. Chegando a enfatizarem que “um cigano não trabalha pra ninguém”.

[...] Graças a Deus tenho me dado bem. Tenho me dado bem. Tenho me dado bem. Vou lhe dizer que é melhor do que a sua nem a de ninguém. Cada qual no seu cada qual. Mas eu me dou bem graças a Deus.
 Até hoje, nunca passei necessidade graça a Deus. Nunca tive proibição de nada. E venho trabalhando. Todo mundo é meu amigo. Me do com todo mundo e fico feliz.
 Então, nesse caso o senhor sempre trabalhou pro senhor?
 É. Certeza.
 Nunca trabalhou pra outra pessoa?
 Não. Outra pessoa?
 (Fala de D. Nazaré: É autônomo)
 Ah, sei. Fui. Todo tempo. Todo tempo.
 (Fala de D. Nazaré: Cigano não trabalha pra ninguém. É autônomo.)
 É muito difícil você ver um cigano trabalhar pra uma pessoa.
 (Fala de D. Nazaré: Trabalha não.)
 É porque não...
 Aqui já tem um, um que trabalha. Tem um primo meu que é policial. Já tem outro que mora em Fortaleza, ele é sub tenente da polícia.

(Fala de D. Nazaré: Tem um aqui que é policial também.)

Tem um aqui. Tem o R. Cruz.

(Fala de D. Nazaré: Tem outro que trabalha na fábrica de cimento.)

Tem muitos que trabalha já aqui. Tem menina que trabalha. É enfermeira da Santa Casa. E tem outros que trabalha na Grendene. Têm muitos aqui.

Tem uma que é. Que ela trabalha, que ela passou... Tem uma sobrinha que ela tá se formando agora pra juíza.

Mas o senhor não se vê trabalhando para outra pessoa?

Não. Não. Não. Não.

(Fala de D. Nazaré: eu não queria tá no lugar dela trabalhando de advogada. Eu queria tá no meu.) (Seu Ramim, 24/04/2013)

Entretanto, mencionam que há parentes morando no bairro Sumaré que trabalham, isto é, têm empregos fixos na fábrica de cimento Poty e Grendene. Há ciganas enfermeiras. Outras estudando para serem advogadas. Em Sobral e Fortaleza há parentes pertencentes a corporações policiais.

Em Santa Fé do Sul, Ferrari (2010) conheceu ciganos que também não se empregam. Para esses ciganos, tal prática “é completamente alheia ao modo de vida do homem e da mulher calon”, uma vez que o “trabalhar” estabelece uma oposição entre o cigano que “viaja” sazonalmente para realizar atividades de compra e venda de “cobertas e toalha” e o gadje. O que se articula com a noção de perda da autonomia.

O fato de os ciganos na Fazenda Joelma não “trabalharem”, não significa dizer que no seu dia a dia os não tenham “obrigações” e rotinas. Afinal, “viajasse no decorrer da semana para realizar atendimento”, “arruma-se a casa”, “prepara-se a comida”, “lava-se roupa”, “observa-se a realização de um serviço por um não cigano”, “vai-se ao centro da cidade fazer um negócio ou compras”, “deixa-se as crianças na escola” entre outras atividades. Todavia, são os próprios ciganos que direcionam o fluxo de suas vidas. Não estando presos a um emprego fixo.

2. A especificidade do “trabalho” calon: sociabilidades familiares

Os calons partem da compreensão de que o emprego fixo gera um conjunto de obrigações, dias e horários a cumprir, funções a serem desempenhadas; promovendo, assim, o distanciamento da família. O está distante não tem conotação apenas espacial, pois comporta uma dimensão afetiva expressa pela possibilidade de está junto aos familiares, principalmente diante dos infortúnios da vida, tais como: doença, morte, discussão mais acirrada; - “Eu gosto de tá no meio”. Reforçando laços de “união”, mesmo que nas relações cotidianas cada um viva em sua casa com sua família nuclear. Por isso, um calon nunca “está sozinho”.

No contexto paulista, Ferrari (2010), o não “está sozinho” envolve uma rede de relacionalidade entre calons baseada no parentesco e alianças. “O *sozinho* entre os Calon não corresponde, portanto, a uma unidade individual, mas sim coletiva”. Ao se verem inseridos em

uma “unidade coletiva”, os ciganos criam um contraste em relação ao gadje que “vive sozinho”, ou seja, pessoa que conduz sua vida de forma individual. Enquanto um calon “vive em família”.

Em um dos dias do mês de junho enquanto ensinava as crianças, Ytalo, Gabriela e Gabriel; Rômulo e Bruno conversavam nos fundos da casa de Seu Itamar. Em certo momento Rômulo me faz uma pergunta que gerou um diálogo breve, mas revelador dessa oposição.

- Professor você tem pai e mãe?
- Sim.
- Moram onde?
- Limoeiro do Norte.
- Vixe! Limoeiro do Norte. É longe. E aqui você mora sozinho? Conhece alguém?
- Não. Toda a minha família mora em Limoeiro.
- Não tem nenhuma namorada?
- Não.

O viver longe da família aqui é equivalente ao viver sozinho. Situação que gera no cigano um sentimento de insegurança expressa pela ausência da figura do pai e/ou mãe como sendo a base fundamental para a vida.

Para um calon, os pais são sempre os responsáveis pelos seus filhos. Não importando a idade, o estado civil, se tem algum “meio de garantir sua sobrevivência” cotidiana, isto é, um emprego.

Morador tem um filho só assume ele até os dezoito ano. Cigano não. Todo cigano, tem um filho, dois filho; vai sustentar se ele não poder trabalhar. Porque tem muitos que trabalha. Tem cigano que é trabalhador. Esses do meu cunhado nunca trabalharam. A gente vai e sustenta de tudo. Nós sustenta de tudo. Do biquim, a calcinha, o pão, o ovo. O queijo. O açúcar. É tudo. Até hoje. E os morador já num quer assumir os fi depois dos dezoito ano. Nós assume até o fim. Ainda assume os filhos que vai nascendo (D. Nazaré⁹, 24/12/2013)

Esse posicionamento dos pais em relação aos filhos, gera o sentimento de estar sempre amparado. O que para alguns assinala a existência de conflitos morais. Por um lado, essa sensação se contrapõe ao não desenvolvimento de uma responsabilidade individual. Por outro, os pais sempre lhes dão “meios de viver”. Biamara¹⁰ foi quem me falou a respeito dessa dicotomia.

Enquanto Biamara estendia roupas no varal localizado na área no fundo de sua casa, conversávamos sobre assuntos relacionados aos “meios de sobrevivência entre os ciganos”. Entre os vários pontos abordados, Biamara tomou o caso de seu irmão Bruno¹¹ como exemplificador.

⁹ Fala de D. Nazaré é uma de suas colocações em diálogo gravado com Seu Ramim em 24/02/2013.

¹⁰ Vale lembrar que entre os ciganos mais novos que vivem na Fazenda Joelma, Biamara é uma das únicas que tem “meios de garantir sua sobrevivência cotidiana”. Isso não implica em dizer que seu pai não lhe ajude quando for necessário. Portanto, essa reflexão de Biamara é pautada em sua experiência de vida.

¹¹ Bruno é casado com Gleyce, não cigana, com quem uma filha chamada Emyli. Gleyce trabalha na fábrica de calçados Grendene na cidade de Sobral.

Seu pai, Itamar, construiu e mobiliou a casa de Bruno. Além disso, deu-lhe uma moto. Para Biamara a atitude de seu pai tirou a possibilidade de Bruno construir para si autonomia, isto é, uma responsabilidade pelos condicionamentos de sua vida.

Bruno na visão de vida de Biamara, Bruno tem em sua casa objetos avaliados no montante de três a quatro mil reais que podem ser utilizados para “garantir a sua sobrevivência” diante de alguma eventualidade que fuja a regra. Ainda complementou dizendo que “os ciganos não dão muita educação para os filhos”.

Paulinho, filho de Seu Paulo, compartilha desse sentimento de sentir-se amparado por seu pai e o vê de forma generalizada; - “E os pais também ajudam. Todos aqui os pais também ajudam”.

O sentir-se amparado, é visto entre esses ciganos como uma prática cotidiana que substancia a relação pai e filho. Sendo proporcionalmente oposta a que os não ciganos têm com seus filhos; “Cigano gosta de ter os filhos perto. Juron não”. Constituindo-se como um dos mecanismos que permitem delinear simbolicamente a identidade cigana em relação à dos outros, jurons.

Se o “viver em família” e a relação pai/filho é valorizado em detrimento de um emprego fixo, os ciganos precisam lidar com a noção de incerteza, uma vez que as viagens com a finalidade de realizar atendimentos, podem sem bem sucedidas ou não.

Mas quando nós vai, a gente já leva o dinheiro de ir e voltar. Nós já sai prevenido. Porque lá pode ganhar e pode não ganhar. Aí a gente já leva o dinheiro guardado pra qualquer coisa a gente voltar. Se ganhar bem. Se não ganhar, almoça e janta. Aí se dê, deu. Se não deu, volta. Leva o dinheiro prevenido. Num vai confiando ganhar lá não. Tá entendendo? (D. Nazaré, 18/03/2013)

Em diversas situações, os ciganos viajam e ninguém os procura para ser atendidos. - “A gente tem viajado, mas não tem conseguido nada”. Mesmo que viagem com dinheiro que lhes possibilitem abastecer o carro e alimentar-se. Os ciganos precisam dispor de dinheiro para pagar o local onde atenderão as pessoas, hotel ou pousada, bem como pagar as parcelas dos contratos com as rádios, caso coincidam com o dia em que estão na cidade.

Os negócios também geram essa sensação. Afinal, é preciso de outra parte interessada em negociar.

No mês de março do ano de 2013, Márcio tinha interesse em vender um freezer. Por vários dias este ficou em frente de sua casa. Não conseguindo vendê-lo, precisou de dinheiro para pagar um cheque que tinha sido descontado na conta bancária da esposa de Bruno, Gleice.

Bruno, ao saber da situação em relação ao cheque, expos para Biamara que a conta de Gleice estava “no vermelho”, bem como juros começariam a ser cobrados. Biamara ficou muito

apreensiva diante dessa situação. Em tom de voz mais alta, cogitou a possibilidade de volta a morar em Forquilha onde teria menos gastos.

Além disso, ressaltou que quando a pessoa tem um dinheiro fixo a receber mensalmente, tem a possibilidade de fazer uma previsão de gastos. E apesar de Gerlásio, atual prefeito de Forquilha, ter prometido um emprego a Márcio na prefeitura; o valor a ser pago será irrisório quando comparado às dívidas mensais em torno de três mil reais.

Se não há certezas na vida dos ciganos diante das atividades ligadas aos negócios e atendimentos, estas incidem diretamente sobre o que compreendem como “viver bem”.

O “viver bem” não resume apenas em ter uma casa, carro, alimentação. Significa ter uma casa ampla, mobiliada com móveis e eletrodomésticos de boa qualidade. Ter alimentação em abundância. Ter meios de dá aos filhos alimentação e bens materiais de boa qualidade. Conferindo certo *status* a um cigano diante de outros.

Por fim, os modos como os ciganos falam dos “meios de sobrevivência” dão sentido ao que vivenciam cotidianamente, pois são carregados de valores constituidores de uma forma de “ser cigano”, estando diretamente relacionados às sociabilidades entre aqueles identificados como pertencentes à família.

Referências Bibliográficas

- BORGES, Isabel Crisitina Medeiros Mattos. CIDADES DE PORTAS FECHADAS: a intolerância contra os ciganos na organização urbana na Primeira República. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2007.
- FERRARI, Florência. *O mundo passa: uma etnografia dos Calons e suas relações com os brasileiros*. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo – USP, 2010.
- FERRARI, Florência. *Um olhar oblíquo: contribuições para o imaginário ocidental sobre o cigano*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo – USP, 2002.
- FOTTA, Martin. *The Bankers of the Backlands: Financialisation and the Calon-Gypsies in Bahia*. Doctoral thesis, Goldsmiths, University of London, 2012.
- GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. *O “tempo de atrás”: um estudo da construção da identidade cigana em Sousa – PB*. Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba - UFPB, 2004.
- SANT’ANA, Maria de Lourdes. *Os ciganos: aspectos da organização social de um grupo cigano em Campinas*. São Paulo: FFLCH/USP, 1983. (Antropologia, 4)
- SILVA, Lailson Ferreira da. “Aqui todo mundo é da mesma família”: parentesco e relações étnicas entre os ciganos na Cidade Alta, Limoeiro do Norte – Ce. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciência Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2010.
- SOUZA, Virgínia Kátia de Arraújo. “Ser domesticado e ser nômade: um estudo sobre identidade cigana no município de Cruzeta – RN. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2011.
- STEWART, Michael. *The time of the Gypsies*. Boulder: Westview Press, 1997.